

PENSAR A INFIDELIDADE NO ESPAÇO CLÍNICO: UMA LEITURA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL ANCORADA NOS MARCADORES DE RAÇA E GÊNERO

Contemplating infidelity in the clinical space: a phenomenological-existential reading anchored in race and gender markers

Reflexionar sobre la infidelidad en el espacio clínico: una lectura fenomenológico-existencial anclada en los marcadores de raza y género

AMANDA FERNANDES RODRIGUES ALVES
FÁBIO SCORSOLINI-COMIN

Resumo: Este estudo teórico-reflexivo analisa a infidelidade em relacionamentos amorosos sob uma perspectiva fenomenológica-existencial. Como disparador temático, utilizou-se a música “Resentment”, da cantora norte-americana Beyoncé, tensionando como a traição afeta a tonalidade afetiva geral, a compreensão do eu e dos outros, bem como as noções de passado, presente e futuro na experiência de quem foi traído. Nessa reflexão, a interseccionalidade de gênero e raça é considerada, reconhecendo a complexidade das dinâmicas de poder e opressão que podem estar presentes. Enfatiza-se a necessidade de abordar a infidelidade e suas repercussões de forma mais inclusiva na formação de terapeutas e na prática clínica, reconhecendo a importância das complexas dinâmicas de poder, identidade e raça que podem estar presentes nessas experiências. Além disso, enfatiza-se a potencialidade da linguagem artística na reflexão sobre questões filosóficas e existenciais no espaço clínico. Sugere-se a necessidade de mais pesquisas teóricas e empíricas sobre o tema, bem como estudos que explorem mais profundamente as questões da lógica colonial e sua influência nas vulnerabilidades existenciais em relacionamentos afetados pela infidelidade.

Palavras-chave: Traição; Ressentimento; Existencialismo; Raça; Gênero.

Abstract: This theoretical-reflective study analyzes infidelity in love relationships from an existential-phenomenological perspective. The song Resentment by American singer Beyoncé was used as a thematic trigger, stressing how betrayal affects the general affective tone, the understanding of the self and others, as well as the notions of past, present and future in the experience of those who have been betrayed. In this reflection, the intersectionality of gender and race is considered, recognizing the complexity of the dynamics of power and oppression that may be present. The need to approach infidelity and its repercussions in a more inclusive way in the training of therapists and in clinical practice is emphasized, recognizing the importance of the complex dynamics of power, identity and race that can be present in these experiences. It also emphasizes the potential of artistic language in reflecting on philosophical and existential issues in the clinical space. We suggest the need for more theoretical and empirical research on the subject, as well as studies that explore more deeply the issues of colonial logic and its influence on existential vulnerabilities in relationships affected by infidelity.

Keywords: Betrayal; Resentment; Existentialism; Race; Gender.

Resumen: Este estudio teórico-reflexivo analiza la infidelidad en las relaciones románticas desde una perspectiva existencial-fenomenológica. Como disparador temático se utilizó la canción “Resentment” de la cantante estadounidense Beyoncé, que enfatiza cómo la traición afecta el tono afectivo general, la comprensión de sí mismo y de los otros, así como las nociones de pasado, presente y futuro en la experiencia de quien ha sido traicionado. En esta reflexión, se considera la interseccionalidad de género y raza, reconociendo la complejidad de las dinámicas de poder y opresión que pueden estar presentes. Se enfatiza la necesidad de abordar la infidelidad y sus repercusiones de una manera más inclusiva en la formación de terapeutas y en la práctica clínica, reconociendo la importancia de las complejas dinámicas de poder, identidad y raza que pueden estar presentes en estas experiencias. También se hace hincapié en el potencial del lenguaje artístico para reflexionar sobre cuestiones filosóficas y existenciales en el espacio clínico. Sugerimos la necesidad de más investigaciones teóricas y empíricas sobre el tema, así como estudios que exploren más profundamente las cuestiones de la lógica colonial y su influencia en las vulnerabilidades existenciales en las relaciones afectadas por la infidelidad.

Palabras clave: Traición; Resentimiento; Existencialismo; Raza; Género.

A infidelidade pode ocorrer em um relacionamento de diferentes maneiras, sendo este um fenômeno polissêmico e multifacetado. Entre as possibilidades de infidelidade recuperadas no senso comum, nas pesquisas e na clínica psicológica, podemos citar o envolvimento sexual ou emocional – virtual ou presencial –, escolhas financeiras não compartilhadas com o(a) companheiro(a), exposição de detalhes íntimos da vida do casal, descoberta de um filho de outro relacionamento, entre outras situações inesgotáveis. No Brasil, o artigo 1.566 do código civil (2002) impõe o dever legal da fidelidade. Ao cometer adultério, por exemplo, colocando o outro em situação vexatória, de humilhação e ridicularização, é possível uma punição civil. Sob a ótica do Estado, essa leitura se dá não por uma questão moral socialmente reprovável, mas, sim, por causar possíveis danos à vítima (Andrade et al., 2022).

Moller e Vossler (2015) definem infidelidade como um ato sexual e/ou emocional exercido por uma pessoa que está em uma relação de compromisso, sendo que este ato ocorre fora desta relação primária e constitui uma quebra de confiança e/ou violação das normas acordadas pelo casal, por um ou ambos os indivíduos em uma relação de exclusividade emocional e/ou sexual. Observando uma diferença de gênero, Thornton e Nagurney (2011) identificaram que as mulheres consideram uma intensa relação emocional com uma pessoa fora da relação como um envolvimento infiel, mesmo que não tenha um componente físico, enquanto que, para os homens, o contato físico e sexual é que constitui a infidelidade.

Como afirmado anteriormente, a polissemia envolvida no fenômeno da infidelidade permite uma ampla gama de leituras e interpretações, produzindo efeitos de sentido e posicionamentos que podem variar de acordo com o contexto de referência, com as noções de vínculo e exclusividade, além de uma série de aspectos que devem ser sempre questionados. Na contemporaneidade, a emergência de diversas configurações amorosas e fenômenos como os relacionamentos poliamorosos, por exemplo, têm colocado em xeque a própria noção de infidelidade, de modo que as discussões sobre esse tema não podemos estar apartadas desses importantes movimentos e dos múltiplos cenários que podem ser forjados nesse momento histórico (Pilão, 2015; Scorsolini-Comin, 2022; Scorsolini-Comin et al., 2021). Assim, não podemos falar em apenas um sentido de infidelidade ou de uma definição universal. É por esse motivo que o olhar interseccional aqui empreendido vem ganhando cada vez mais força, rompendo com estigmatizações e com noções historicamente transmitidas pela ciência psicológica em seus mais diversos campos, como a Psicologia Social, a Psicologia da Família e a Psicologia Clínica, com destaque para a clínica de casais.

Um movimento infiel implica um segredo (Pittman, 1994), um silêncio e/ou uma revelação que pode impactar o parceiro e, conseqüentemente,

a relação por quebrar um acordo explícito e/ou implícito, um limite. Considerando diferentes formas de relacionar-se, o que determinará a definição de infidelidade será o entendimento dos integrantes da relação, a partir de uma ética estabelecida por eles. Entretanto, muitas vezes, essa ética e moral é descoberta no caminhar, precisa ser repensada, revista, estabelecida, atualizada conforme o trilhar da relação, pois cada um traz uma compreensão do que pode ser a chamada quebra de confiança.

Na perspectiva fenomenológica-existencial, o atendimento inclui a suspensão de conhecimentos prévios para nos dirigirmos àquilo que é mais próprio dos pacientes, ao encontro com o paciente individual ou no atendimento de casal. Em psicoterapia de casal, a atenção se volta para a modo possível daquele casal ser, constituir-se e, assim, poder revelar o casal por si mesmo (Sampaio, 2019). Dessa forma, o que estaria dentro do escopo de infidelidade conjugal? Será preciso sempre uma primeira aproximação para compreendermos e descobriremos junto a cada casal esse contorno. O relacionamento é algo complexo que engloba a escolha de cada parceiro e, ao mesmo tempo, conjuntamente, dos dois. Nesse fazer, vamos lidando com dimensões diferentes e complementares: um acontecimento, como os integrantes percebem e reagem e como eles entendem, como o outro percebe ou experimenta as reações do outro e a própria, o que está, obviamente, para além das classificações psicológicas e prescrições sociais.

E como a infidelidade pode impactar emocionalmente os integrantes desse casal? Neste estudo, exploraremos os possíveis desdobramentos de uma das partes de um relacionamento que teve em sua vivência a experiência da infidelidade, ocupando a posição de pessoa traída. Para isso, este estudo, de caráter teórico-reflexivo, ancorado na perspectiva fenomenológica-existencial heideggeriana, toma como disparador e *corpus* analítico a canção “Resentment”, interpretada pela cantora norte-americana Beyoncé, buscando explorar como a experiência humana é retratada diante da traição. Na canção, as lembranças do passado, os momentos compartilhados com o parceiro e a dor da traição são experiências que surgem no horizonte do presente e, diante do rompimento de confiança, emergem questionamentos sobre a identidade e os valores do eu lírico feminino – uma mulher que se apresenta a partir da traição pelo companheiro. Esses desdobramentos serão compreendidos por meio de um olhar interseccional, especificamente dos marcadores de raça e gênero, considerando que a intérprete da canção é uma mulher negra. A interseccionalidade possibilita investigar a traição e suas ramificações de modo contextualizado, dentro dessas estruturas sociais mais amplas, reconhecendo as diversas formas pelas quais a infidelidade pode ser vivenciada e interpretada com base nas identidades de gênero e raça dos indivíduos envolvidos.

A seleção da canção não é, pois, arbitrária. Para além do conteúdo analítico que enreda este estudo, há que se considerar que o cancionário de Beyoncé, como um produto da indústria cultural presente em diferentes cenários, acaba sendo acessado por uma ampla gama de pessoas. Ao cantar assumindo a perspectiva de uma mulher diante da infidelidade do companheiro, consegue, de algum modo, ressoar essa experiência ao permitir que um grande público possa conhecer e, possivelmente, também se identificar com esse eu lírico.

Nascida em 4 de setembro de 1981, Beyoncé Giselle Knowles-Carter é uma cantora, compositora, atriz, modelo, dançarina, empresária, produtora, diretora e roteirista norte-americana. Aos nove anos de idade, Beyoncé ingressou na banda Girls Tyme que, a partir de 1997, passou a ter o nome de Destiny's Child, quando o grupo se tornou mundialmente famoso. Beyoncé começa a sua carreira solo em 2003 e, em 2011, assume completamente a sua vida profissional, que até então contava com seu pai como empresário. A primeira versão da música "Resentment" foi composta neste mesmo ano (2003) por três artistas negros Walter Millsap III, Candice Nelson e Curtis Lee Mayfield e seria cantada, *a priori*, por Victoria Beckham. No entanto, a canção não foi lançada naquele momento. Três anos depois, Beyoncé reescreveu alguns versos da canção, atualizou a melodia e a lançou em seu álbum *B'Day* (2006) (SecondHandSongs, s.d.).

Aqui é importante considerar que não se trata de um exercício de interpretação que busca "descortinar" uma verdade acerca da letra ou da compositora/intérprete, mas pensar possibilidades interpretativas situando as polissemias, as polifonias e os efeitos de sentido produzidos nos espectadores, sobretudo em face da quase onipresença do cancionário de Beyoncé na contemporaneidade. Ainda que a análise não recaia, pois, sobre a figura da cantora, mas do eu lírico, os atravessamentos de gênero e raça são marcadores legítimos: trata-se, pois, de uma canção interpretada por uma das cantoras negras mais seguidas e respeitadas na contemporaneidade, o que extrapola a cena musical e o show bizz, incluindo a representatividade da cantora em um contexto global e a sua contribuição na construção do feminismo negro contemporâneo (Rasmussen, 2021). A infidelidade, nesse sentido, é tematizada em um produto cultural de penetração mundial, repercutindo de muitos modos possíveis a depender dos contextos em que é executada, dos valores e das tradições veiculadas em cada universo de ressonância. A seguir, uma das possibilidades de leitura desse fenômeno será compartilhada, tendo em vista a ancoragem deste estudo na clínica de casais. A análise será entrecortada com trechos da canção original traduzida para o português, a fim de ilustrar os movimentos compreensivos empreendidos.

Reflexões Fenomenológicas e Interseccionais

Para empreender essa análise, é imperioso retomar que na fenomenologia heideggeriana pretende-se, a partir do ente, ir em direção ao ser, salientando as estruturas ontológicas que estão em questão nos acontecimentos ônticos. Nesse caso, podemos identificar a experiência de ser traída enquanto um fato ocorrido e o ressentimento uma resposta emocional, sendo acontecimentos ônticos que dão contorno à experiência permeada pelo estado emocional de ressentir-se do eu lírico.

A angústia emergente diante da traição descerra o mundo para o eu lírico da canção e, assim, traz um duplo aspecto: desentender-se pela própria vida pelo projeto anteriormente estabelecido e desentender-se com o parceiro. Aquele que era depositário de confiança de vida presumida que inspirava confiança, neste momento, emana o desejo do retorno àquela cotidianidade anterior ao acontecimento apropriador: *"Eu gostaria de acreditar em você, então eu estaria bem / Mas agora tudo o que você me disse, na real, não se aplica / Ao jeito como eu me sinto por dentro"*.

Para Heidegger (2002), na cotidianidade, a verdade está articulada como encobrimento, afastada da verdade originária e no acontecimento apropriador ela se dá como descerramento, no vínculo originário homem-ser, possibilitando a rearticulação de todo o campo histórico. Esse autor também aponta a angústia como um existencial revelador da finitude humana e da necessidade de se confrontar com a própria existência. Nesse sentido, a experiência de quebra do que antes era tido como certo traz uma ruptura que é um convite para um confronto com o próprio ser autêntico.

Há um endereçamento da culpa indicando o fato de que ter mentido impede que o modo de ser casal anterior seja restabelecido: *"Amar você era fácil no passado / Mas agora minhas suspeitas sobre você se multiplicaram / E tudo isso porque você mentiu"*. O ressentir-se se delinea na canção com esse retorno do sentimento pela traição, caracterizado pela impossibilidade de fingir que nada aconteceu ou de esquecer: *"Não consigo superar a maneira como você me magoou"*.

No trecho *"Não sei como você deu a outro / Que não significava nada, não / Com tudo o que você me deu"*, podemos perceber o eu lírico imerso na experiência da traição, o que o faz questionar como seu parceiro pôde dar à outra pessoa algo tão valioso (o amor e a dedicação do eu lírico). Esse questionamento revela uma sensação de desorientação e perda. Mais à frente, *"Talvez eu nunca entenda o porquê / Estou fazendo o melhor que posso"*, essa busca por entender aparece no contexto clínico através da procura pela fala do parceiro para alinhar, realinhar o que ocorreu, os combinados – processo este incessante e inalcançável, pois sempre haverá um mistério que não conseguiremos tocar, do que não se pode garantir,

transbordando a dificuldade de lidar com a abertura existencial do ser que já carrega esse limite.

Quando algo se mostra, o restante se esconde; dessa forma, o mistério é inerente a tudo que se mostra (Heidegger, 2003), inclusive nas relações. Em nossos relacionamentos, estamos sempre juntos com os outros, compartilhando um mundo comum, coexistindo, mas também mantendo nossa individualidade. Essa dinâmica complexa pode dar origem a sentimentos de mistério e incompreensão nos relacionamentos, à medida que tentamos compreender o outro e a nós mesmos. Na medida em que cada indivíduo é uma “abertura para o mundo” e, ao mesmo tempo, um ser com sua singularidade e subjetividade, a busca por garantia desponta um pensamento calculante que assegure a confiança, perdendo o próprio sentido do confiar.

O paradoxo do ressentir-se e confiar, expresso em *“Eu pensei que poderia te perdoar e sei que você mudou / Por mais que eu queira confiar em você, sei que não é a mesma coisa”*, caminha com a ambiguidade do lançar-se que cada gesto de confiança exige. Da mesma forma que a traição afeta a tonalidade afetiva geral e a compreensão do ser e dos outros, perdoar também mudaria essa atmosfera. Tanto a tonalidade geral como a redefinição do sentido em relação ao evento transgressor.

A palavra ressentimento aparece no dicionário Michaelis como rancor, mágoa com desejo de vingança; e vingança como punição. O trecho *“Estou chorando há muito tempo, o que você fez comigo?”* denuncia a culpa ôntica de quem traiu e que a cada momento é revivido. No verso *“Eu só te dei um gelo”* é possível inferir que essa postura represente uma vingança diante do ocorrido. O universo do ressentimento, ainda tomando de empréstimo os significados dicionarizados, nos possibilita compreender o ressentimento, por expansão de sentido, como um sentimento que ressoa, que retorna, que se atualiza, que volta à cena em busca de inteligibilidade. A possibilidade de reviver o sentimento traz à baila também os elementos que, diante da infidelidade, podem se atualizar e se expressar. Ressentir-se, nessa acepção, envolve não conseguir sair desse sentimento, que retorna como uma condenação à repetição, somado à impotência de retornar no tempo. Para Heidegger:

A vingança é a repugnância da vontade contra o decorrer e seu decorrido, contra o tempo e o seu “era”. A repugnância da vingança permanece acorrentada a esse “era”; assim como em todo ódio também se oculta na mais abissal dependência daquilo de que o ódio, no fundo, constantemente deseja tornar-se independente, o que, porém, nunca pode fazer, e, enquanto odeia, pode cada vez menos. (Heidegger, 2005, p. 182)

Reconhece-se que o eu ressentido sente repugnância em relação ao que já aconteceu e pode nutrir sentimentos negativos em relação ao passado,

que não pode ser mudado. Apesar de não poder ser mudado, há um enraizamento na dependência do passado ocorrido – a traição –, tornando-se um sofrimento contínuo. Heidegger observa que, assim como o ódio deseja tornar-se independente daquilo que odeia, o ressentimento, muitas vezes, deseja se libertar do passado que o aflige. No entanto, ele destaca que essa independência é algo que o ressentimento nunca pode realmente alcançar. O ressentimento continua a ser definido pelo passado, mesmo quando deseja se libertar dele.

A própria estrutura da música que repete *“E tudo isso porque você mentiu / Eu tentei esquecer isso / Mas eu estou muito cheia de ressentimento”* faz pensar no movimento de pedir de novo que ocorre no contexto clínico em situações que o paciente busca compreender, dar um sentido, mas exige um tempo desconhecido, próprio para sua ocorrência ou não. O tentar esquecer mostra a impossibilidade de autenticamente fazê-lo apesar da possibilidade de permanecer nessa busca que também gera sofrimento, confusão existencial com o silenciamento, como se nada tivesse ocorrido.

Heidegger refere-se ao tempo ontológico como ek-stases temporais, onde presente, passado e futuro não são separados, e, dessa forma, o ser-ai lançado para o futuro resgata seu passado e o atualiza no presente (Heidegger, 2002). Neste lançar-se, ele se antecipa a si mesmo por meio de seu projeto de futuro, buscando realizar possibilidades que ainda não se concretizaram. Porém, o ressentimento mantém o passado presente na vida do indivíduo, impedindo-o de avançar em direção ao futuro de uma maneira autêntica.

Em vez de projetar-se para o futuro de forma adaptativa, aberto à experiência, o eu ressentido continua a reviver e a atualizar o passado em sua experiência presente, mantendo-se aprisionado em ciclos de amargura. Dessa forma, o ressentimento pode representar uma forma de interrupção do movimento projetado em direção ao futuro, mantendo o eu ressentido ligado ao passado de maneira prejudicial e limitadora. Nesse cenário, o tempo vivido também pode destoar do experimentado por quem traiu, trazendo mais sofrimento pela dor ser sentida sozinha na relação. Ao ressentir-se, o cotidiano é vivido com sofrimento, raiva, à flor da pele, com acusações - respingando no presente ao estar sozinha aprisionada no passado. O sofrimento gerado pela traição no ressentir-se reaparece através da insegurança, na busca por uma garantia.

A traição também faz rever a si mesma na relação *“Sempre me lembrarei de sentir que se eu não fosse boa / Como se eu não pudesse fazer isso por você / Como sua amante poderia”* e repassar a historicidade da relação: *“Eu sei que ela era atraente, mas eu estava aqui primeiro”*. A traição confronta as memórias do passado, com toda a história que foi vivida antes naquela relação. No trecho *“Tenho estado junto com*

“você há seis anos/ por que merecia ser tratada desse jeito por você, você?” o eu lírico confronta a traição, sugerindo que ela também está se deparando com a realidade dolorosa e começando a questionar sua situação naquele espaço de relação.

Diante da experiência de ser traída, há uma revisão das entregas no relacionar-se com o outro, nas concessões: *“Te amei mais do que minha própria vida/ A melhor parte de mim eu lhe dei / Vivi com sacrifício/ E tudo isso porque você mentiu”*. Muitas vezes, na quebra de um contrato – implícito ou explícito –, a recontagem do que foi feito gera ainda mais ressentimento, pois antes havia um sentido em abrir mão, ceder que agora se tornou dúvida diante desse futuro roubado. A traição cria uma lacuna na compreensão do eu lírico sobre o tempo vivido e sobre a continuidade de sua relação.

Heidegger (2002) argumenta que é através do confronto com nossa própria finitude que podemos buscar uma existência autêntica e encontrar um significado genuíno para a vida. Podemos apontar essa busca pela autenticidade quando, na canção, o eu lírico aventa a possibilidade de um percurso diferente e que conduzisse a outro desfecho. Na perspectiva heideggeriana, a autenticidade também está relacionada à noção de cuidado, que implica em uma responsabilidade pela própria existência e pelas escolhas que fazemos. Esse cuidado está presente no itinerário do eu lírico, que parece avançar em sua jornada de autoconhecimento e autenticidade, expressando a necessidade de se libertar do ressentimento e seguir em frente. Esse processo representa a busca humana por um sentido existencial genuíno.

A complexidade de estar em um relacionamento e integrar o atravessamento das ações do outro também se revela junto com a culpa: *“Eu sei que você não queria me machucar / Mas olha o que você fez comigo agora”*. Heidegger (2002) argumentou que a autenticidade e a resolução para uma existência autêntica exigem uma abertura para a possibilidade do outro. Isso significa que devemos reconhecer a finitude e a vulnerabilidade compartilhadas dos seres humanos e estarmos dispostos a enfrentar essas realidades juntos. Quando a confiança é quebrada em um relacionamento, pode haver uma sensação de perda dessa abertura e vulnerabilidade, levando ao ressentimento e à desconfiança. Em análise, cabe o questionamento sobre como e se o analisando consegue estar nessa relação que agora tem essa experiência em sua história, pensando, então, sobre que casal pode-se ser a partir daí.

No contexto clínico, essa insegurança também aparece estendida às novas relações quando há uma experiência de traição anterior. Para a fenomenologia, ao sermos-com-os-outros indivisivelmente, o contexto e as interações podem ser moldados pela interação com o outro, pelas expectativas sociais e pelas experiências anteriores.

Considerando que a intérprete da canção é uma mulher negra, podemos pensar nessa perspectiva interseccional do lugar de rever a relação e refletir sobre ela com os matizes de gênero e raça. Em *O Segundo Sexo* (Beauvoir, 2020), em suas reflexões sobre a categoria gênero, a filósofa francesa afirma que ser mulher é ser definida em relação e pelo olhar do homem, que a tem em um lugar de submissão na hierarquia social. Além de ser mulher, ser negra carrega um não lugar como lugar dessa existência dentro de uma instância histórica de violência (Cabral, 2023).

Hill Collins (2016) aponta que às mulheres negras eram atribuídos estereótipos de mulas, apenas para trabalhos domésticos, desumanizando-as por meio de imagens distorcidas que eram favoráveis a uma sociedade controladora, machista e patriarcal. O racismo pode ser entendido como “explicação emocional, afetiva, algumas vezes intelectual” da inferiorização de um grupo sobre o outro (Fanon, 1980, p. 45). Lançar luz sobre este aspecto é pensar em uma diferença ontológica colonial, apesar de Heidegger não ter considerado a condição colonial dos seres racializados em sua ontologia (Cabral, 2023; Maldonado-Torres, 2017). Estes autores apontam que esta diferença pode ser denominada de subontológica por não ser mais entre ser e ente, mas entre ser e não-ser; este não-ser-aí não pode ser plena abertura para o futuro, pois, apesar de aparecerem, sua humanidade não se revela, são entes invisíveis (Cabral, 2023).

Para bell hooks (2010), autora afro-americana, a escravidão trouxe a consequência do “não saber amar” por conter e reprimir muitos de seus sentimentos como forma de sobrevivência para os negros diante de uma realidade diária tão cruel com abusos de seus companheiros, seus filhos serem vendidos, separados de suas comunidades: “Então, aprenderam a seguir seus impulsos somente em situações de grande necessidade e esperar por um momento ‘seguro’ quando seria possível expressar seus sentimentos. (hooks, 2010, p. 2). Essa contenção das emoções foi carregada ancestralmente na criação:

Os pais avisavam: “Não quero ver nem uma lágrima”. E se a criança chorava, ameaçavam: “Se não parar, vou te dar mais uma razão para chorar”. Como é possível diferenciar esse comportamento daquele do senhor de engenho que espancava seu escravo sem permitir que ele experimentasse qualquer forma de consolo, ou mesmo que tivesse um espaço para expressar sua dor? E se tantas crianças negras aprenderam desde cedo que expressar as emoções é sinal de fraqueza, como poderiam estar abertas para amar? Muitos negros têm passado essa ideia de geração a geração: se nos deixarmos levar e render pelas emoções, estaremos comprometendo nossa sobrevivência. Eles acreditam que o amor diminui nossa capacidade de desenvolver uma personalidade sólida. (hooks, 2010, p. 4)

Essa “habilidade” de reprimir as emoções era

vista como positiva, mas essas marcas do processo de escravidão na mulher negra podem dificultar a própria identificação ao não poderem exteriorizar, dar nome, afirmar-se. O desvelar-se enquanto existência não ocorre aqui com fluidez, há barreiras inegáveis que deixam a afetividade em um não lugar. Em uma sociedade racista e machista, a mulher negra não aprende a reconhecer que sua vida interior é importante (hooks, 2010). É importante, ainda, considerar que bell hooks tensiona especificamente a experiência da mulher negra, não estendendo essa experiência a mulheres brancas, que possuíam um itinerário distinto, sobretudo considerando o recorte de raça e de cor. Ao colocar em destaque a experiência de mulheres negras, a autora também evidencia como nossa sociedade foi forjada a partir da impossibilidade dessas mulheres expressarem e vivenciarem a afetividade, em um processo que também vai repercutindo nas próximas gerações, sobretudo quando pensamos nas lutas pela resistência e, nesse sentido, pela existência também dessas mulheres e dessas experiências afetivas.

Nesse sentido, Grada Kilomba (2010) sinaliza o quanto a fala é um ato historicamente censurado: a máscara de flanders era um objeto usado para que os escravos não comessem o que era do senhor, sendo um instrumento de emudecimento, pois a fala ameaça o projeto de colonização, onde o branco era o modelo de civilidade e moralidade. A mulher negra homossexual sofre com o silenciamento e o legado que carregam do colonialismo, desafiando a expressão de seus sentimentos enquanto não-ser-ai pela marginalização, mortalidade da mulher negra homossexual (Cabral, 2023). Além da dificuldade que a mulher negra homossexual tem em se sentir integrada, reconhecida e aceita em sua totalidade na sociedade, devido ao racismo, sexismo e homofobia (Cabral, 2023).

Destaca-se que, apesar dos processos de independência destruírem a colonização, eles não findam com a colonialidade. Esta, que de acordo com Cabral (2023):

... condiciona afetos, constitui saberes e destitui conhecimentos, produz símbolos e crenças, normatiza comportamentos, produz bens e os distribui segundo sua lógica interna, subjetiva pessoas e coletividades, condiciona a criação e o andamentos de instituições sociais, etc. Por esse motivo, a colonialidade se refere a modos específicos de exercício de poder, cujo sentido é, dito resumidamente, produzir dominação entre corpos e povos e distribuir e naturalizar formas de violência. (p. 27-28)

Considerando as relações, o atravessamento racial também pode interferir como inferioridade e o fato disso não emergir na música traz ainda mais potência para pensar outras possibilidades. No contexto da escravidão, apesar do status social ser o mesmo do homem negro, a mulher negra já estava em uma posição hierárquica inferior a dele. Ela

não conseguia subir à posição de liderança, eram subordinadas a eles, trazendo a inferioridade nas relações afetivas (hooks, 2020a). A experiência da mulher negra, nessa perspectiva defendida por bell hooks, se distanciaria tanto do homem negro quanto da mulher branca, havendo atravessamentos que precisam ser considerados em uma leitura decolonial. Fanon (2008), no capítulo A mulher de cor e o homem branco explicita:

Porque enfim, quando lemos no romance autobiográfico *Je suis Martiniquaise* — “Gostaria de ter me casado, mas com um branco. Só que uma mulher de cor nunca é realmente respeitável aos olhos de um branco. Mesmo se ele a ama. Eu sabia disso” — temos o direito de ficar preocupados. (Fanon, 2008, p. 53)

Pacheco (2008) identifica, em sua pesquisa, que na escolha de uma parceira os homens negros preferem as brancas em detrimento da mulher negra. Fanon (2008) também discorre sobre o mesmo movimento por parte do homem negro, no sentido de desejar adquirir sua branquitude relacionando-se com ela. Para Pacheco (2008), as mulheres notam que essa escolha tem interferência econômica, sendo que os homens que buscam ascensão socioeconômica costumam ter essa preferência. Na reavaliação existencial que a angústia proporciona a partir da traição, permanecer no relacionamento ou ficar pode surgir como questão, mas, de acordo com Pacheco (2008), a pouca preferência pela mulher negra pode ser um fator que influencie a permanecer. É um lugar de inferioridade que perpassa a corporeidade estética desvalorizada e afeta a autoconfiança e a autoestima.

Entretanto, a música que dispara as reflexões deste estudo escapa de alguns paradigmas da mulher negra no sentido da submissão, da inferioridade que não aparece no eu lírico. A demonstração do afeto e vulnerabilidade com a expressão dos sentimentos chamam atenção no *corpus* de análise pelo fato de aparecerem: “*Estou chorando / não consigo parar de chorar / não consigo parar de chorar*”.

Conceição Evaristo (2016), de modo semelhante, em seu livro “*Insubmissas lágrimas de Mulheres*”, apresenta contos que evadem a imposição de padrões racistas que desumanizam a mulher negra e trazem caminhos de dor, solidão e de resistência, mas fora do âmbito do poder do colonizador, onde elas resignificam a dor dos desafetos, abraçando a potência e a impotência humana. É uma estratégia para transpor as barreiras do racismo, sexismo, opressão e apresentar novas perspectivas. Em consonância com essa proposta, bell hooks (2020b) afirma: “Não podíamos escolher a cura, porque não tínhamos certeza de que poderíamos ser reparados, de que os pedaços partidos pudessem ser colados. (...) não desejávamos ser resgatados, porque não sabíamos como nos salvar” (p. 240).

Um outro apontamento derivado da perspectiva trazida por bell hooks refere-se à presença. Embora a

autora teça suas reflexões considerando, em grande parte, o cenário educacional (Scorsolini-Comin, 2023), é importante que esse corpo vivente seja significado a partir da experiência do sofrimento e do ressentimento, como tensionado na presente análise. Esse corpo, composto a partir de marcadores de gênero, de cor e de pertencimento é aquele capaz de se expressar inteiramente a partir do choro, da postura de recolhimento, como versificado na canção, assim como do soerguimento após uma passagem dolorosa, análise esta que pode e deve tomar como ponto de ancoragem, por exemplo, o modo como o corpo de sua intérprete, Beyoncé, é também significado, em um debate que não pode ocorrer apartado da interseccionalidade. Essa mulher negra, com traços, representações e ancestralidades também atravessa a necessidade de poder expressar sua dor e sua afetividade, como abordado por hooks (2020b), em uma transgressão que se dá, sobretudo, a partir desse corpo.

A partir da música, sua existência pode ser base para considerar trajetórias outras, pela união e diálogo de mulheres unidas pela dororidade: “Dororidade, pois, contém as sombras, o vazio, a ausência, a fala silenciada, a dor causada pelo Racismo. E essa Dor é Preta” (Piedade, 2017, p. 16). Esse conceito foi criado por Vilma Piedade (2017) na busca por sair do lugar da invisibilidade do não ser, sendo, a partir da etimologia de sororidade que vem de sóror-irmãs e dororidade vem de dolor, trazendo a dependência entre sororidade - conceito criado pelo Feminismo teórico branco europeu - e dororidade, unindo todas as mulheres. A palavra dá contorno ao fenômeno de ser-no-mundo enquanto mulher negra que ocorre cotidianamente e aloca um lugar próprio no imaginário afetivo reconhecendo uma dor que só se vivencia do lugar da negritude.

Pensado no âmbito relacional, ser-com o fato de a intérprete ser negra, estar falando de seus sentimentos, ressentindo-se pela traição, refletindo sobre como é possível essa relação de modo vulnerável, autêntico, insubmisso, apresenta e potencializa a humanização e desconstrução de estereótipos, criando uma trajetória fora da ordem colonial. A versificação desse sofrimento e da estratégia de enfrentamento a partir do contato com o ressentimento, com o sentimento que pode e deve ser revistado em um contexto clínico e de cuidado, ganham novos contornos considerando a penetração da canção nos mais diversos espaços. É um eu lírico feminino a quem é permitido sofrer e expressar esse descontentamento, algo que era interdito se considerarmos a experiência ancestral da mulher negra em nossa sociedade, como discutimos anteriormente.

Em diálogo com a clínica, é possível pensar para além da possibilidade de identificação racial (paciente-terapeuta negra / paciente-cantora), aprofundando na complexidade das vivências que são testemunhadas na relação terapêutica. Ao empregar uma análise

fenomenológica crítica, o “não-saber” pode permitir que o terapeuta perpassasse as múltiplas camadas de significado e as dinâmicas de poder que permeiam as opressões sociais. Isso permite que o terapeuta tenha acesso às experiências individualmente subjetivas e únicas que, apesar de influenciadas pela cultura e pelas estruturas racializadas do contexto social, mantêm sua singularidade no mundo da vida (Santos, 2021).

Podemos inferir uma postura decolonial, que é definida por Maldonado-Torres (2007) como: “A atitude decolonial nasce quando o grito diante do horror da colonialidade se traduz em uma postura crítica ante o mundo da morte colonial e numa busca pela afirmação da vida daqueles que são mais afetados por tal mundo” (p. 66-67). Proporciona-se, assim, um movimento decolonial reexistencial (Cabral, 2023) no sentido de libertação de existência colonialmente oprimida. Corroborando a importância do contorno trazido pela canção, bell hooks (2010) discorre: “Numa sociedade racista, capitalista e patriarcal, os negros não recebem muito amor. E é importante para nós que estamos passando por um processo de descolonização, perceber como outras pessoas negras respondem ao sentir nosso carinho e amor” (p. 10).

Nesse sentido, é mister que esse sofrimento, aqui descrito em termos da noção de ressentimento, possa ser escutada. Mas não apenas escutada, como legitimada, sobretudo quando trazemos à baila outros recortes analíticos, como os de gênero e de cor, como aqui problematizados a partir do cancionário de Beyoncé. O ressentimento, em uma sociedade que prega uma felicidade paradoxal, pode e deve ser trazido à baila, ampliando a possibilidade de que as mais diversas experiências possam ser partilhadas e escutadas no contexto clínico, escuta esta que deve estar atenta e aberta a outras leituras que, porventura, tenham esmaecido em nossa sociedade capitalista, machista e fortemente influenciada por mitos como o do amor romântico ou da subserviência da mulher. Isso nos obriga, para além de uma leitura, a um fazer que tome como referência a necessidade de ultrapassar as camadas impostas pelas diversas naturalizações que atravessam nossa cultura.

Considerações Finais

Frente ao panorama explorado no presente estudo, podemos concluir que a música em tela nos permitiu refletir que, por meio da angústia e do confronto com o passado, o eu lírico torna-se capaz de buscar sua autenticidade e o sentido de sua existência. Para além disso, pensar na intersecção de gênero e raça desvela reflexões decoloniais, trazendo visibilidade para uma clínica além da identificação. E a análise fenomenológica, aqui empreendida tomando como ancoragem a canção, revela como a música pode ser uma forma rica e expressiva de explorar questões filosóficas e existenciais profundas que ressoam nas

pessoas, podendo ser usada como recurso acessível para reflexão em análise individual ou na clínica de casal. Uma limitação da presente reflexão, no entanto, foi não endereçar os possíveis atravessamentos da indústria cultural ao pensarmos na produção audiovisual analisada, o que, obviamente, traria a necessidade de abarcar outros efeitos que também são marcados pela interseccionalidade.

O presente estudo contribui ao propor uma reflexão interseccional por meio de aspectos hermenêuticos da mobilização que ser-com em um relacionamento com a ocorrência de uma traição pode ocasionar, reconhecimento a dimensão existencial despertada. Além disso, realizar essa tarefa mobilizada por uma música que mostra a arte como meio de acesso a vivências subjetivas é um disparador importante quando pensamos na delicadeza envolvida na clínica de casal, sobretudo em um momento de maior fragilidade emocional que pode emergir de uma situação de infidelidade ou mesmo de separação. Esse recurso pode ser customizado pelo psicoterapeuta frente ao seu repertório, mas também tomando como ponto de partida possíveis preferências do paciente, seu arquivo e suas vivências compartilhadas nos mais variados momentos da análise. Em uma perspectiva decolonial, a inclusão e o acolhimento dessa temática na clínica de casal ou individual deve ser acompanhada de uma reflexão que tome por base os marcadores interseccionais, como os aqui referidos, o que deve ser acompanhado no processo de formação em psicoterapia e na constante aprendizagem para atuação nessa seara.

Por fim, sugere-se mais estudos, tanto teóricos como empíricos, que tragam a temática do relacionamento amoroso na contemporaneidade e de seus desdobramentos na clínica fenomenológico-existencial. De igual monta, é mister a emergência de estudos que englobem questões da lógica colonial na produção de vulnerabilidades existenciais, discutindo seus desdobramentos e modos de enfrentamento.

Referências

- Andrade, E. S., Almeida, C. R. R., & Patrão, B. V. L. G. (2022). Fidelidade conjugal e Heidegger: uma discussão jurisprudencial e doutrinária sob a hermenêutica filosófica. *Revista Quaestio Iuris*, 15(4), 1928-1953. doi: <https://doi.org/10.12957/rqi.2022.64884>
- Beauvoir, S. (2020). *O segundo sexo*. Nova Fronteira.
- Cabral, M. A. (2023). *Topologias do não-ser: discussão (sub) ontologia e colonialidade com Nelson Maldonado-Torres*. Via Verita.
- Código Civil. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. (2002). <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=10406&ano=2002&ato=ac5gXVE5ENNpWT07a>
- Collins, P. H. (2016). Aprendendo com a outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*, 3(1), 99-127. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100006>
- Evaristo, C. (2016). *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. Nandyala.
- Fanon, F. (1980). *Em defesa da revolução africana*. Livraria Sá de Costa.
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. EDUFBA.
- Heidegger, M. (2002). *Ser e tempo* (12ª ed., M. S. Cavalcanti, Trad.). Vozes.
- Heidegger, M. (2003). *A caminho da linguagem*. Vozes.
- Heidegger, M. (2005). A época da imagem de mundo. In P. R. Schneider (Ed.), *O outro pensar: sobre o que significa pensar? E a época da imagem de mundo*, de Heidegger (pp. 191-232). Ijuí: Ed. Unijuí.
- hooks, b. (2010). *Vivendo de amor*. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>
- hooks, b. (2020a). *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo*. Rosas dos Tempos.
- hooks, b. (2020b). *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Elefante.
- Kilomba, G. (2010). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Cobogó.
- Maldonado-Torres, N. (2007). Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In S. Castro-Gómez & R. Grosfoguel (Orgs.), *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global* (pp. 127-167). Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores.
- Maldonado-Torres, N. (2017). El arte como territorio de re-existencia. Una aproximación decolonial. *Iberoamérica Social: Revista-Red De Estudios Sociales*, 8(5), 26-28. <https://iberoamericasocial.com/ojs/index.php/IS/article/view/213>
- Moller, N., & Vossler, A. (2015). Defining infidelity in research and couple counseling: A qualitative study. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 41(5), 487-497. doi:10.1080/0092623X.2014.931314
- Pacheco, A. C. L. (2008). «Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar»: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. [Tese de Doutorado]. Universidade Estadual de Campinas.

Piedade, V. (2017). *Dororidade*. Editora Nós.

Pilão, A. C. (2015). Entre a liberdade e a igualdade: princípios e impasses da ideologia poliamorista. *Cadernos Pagu*, 44, 391-422. <https://doi.org/10.1590/1809-4449201500440391>

Pittman, F. (1994). *Mentiras privadas: a infidelidade e a traição da intimidade*. Artes Médicas.

Rasmussen, K. (2021). Review of the book *Beyoncé in Formation: Remixing Black Feminism*, by Umiseeke N. Tinsley. *QED: A Journal in GLBTQ Worldmaking*, 8(2), 184-186. <https://www.muse.jhu.edu/article/851604>.

Monsieur, D. (n.d.) Song Resentment. *SecondHandSongs*. <https://secondhandsongs.com/work/46072/all>

Sampaio, V. (2019). *Atendimento psicológico com casal: fenomenologia existencial e prática clínica*. Juruá.

Santos, H. P. (2021). Raça, Racismo e Clínica Fenomenológico-Existencial: Elementos Para a Decolonização da Atenção Clínica. *Revista do nufen: phenomenology and interdisciplinarity*, 13(3). <https://doi.org/10.26823/nufen.v13i3.22532>

Scorsolini-Comin, F. (2023). bell hooks e a transgressão pela presença: inquietações mobilizadas no trânsito pandêmico. *Educación*, 32(62), 204-223. <https://doi.org/10.18800/educacion.202301.001>

Scorsolini-Comin, F. (2022). El pasado, el presente y el futuro del concepto de familia en el campo de la salud: rupturas y permanencias. *Index de Enfermería*, 31(2), 190-193. https://scielo.isciii.es/scielo.php?pid=S1132-12962022000300011&script=sci_arttext&tlng=en

Scorsolini-Comin, F., Morais, N. A., & Cerqueira-Santos, E. (2021). Persistent Issues for LGBTQ+ Families. In N. A. Morais, F. Scorsolini-Comin, & E. Cerqueira-Santos (Eds.), *Parenting and couple relationships among LGBTQ+ people in diverse contexts* (pp. 1-6). Springer.

Thornton, V., & Nagurney, A. (2011). What is infidelity? Perceptions based on biological sex and personality. *Psychology Research and Behavior Management*, 4, 51-58. doi:10.2147/PRBM.S16876

I - Psicóloga, mestre e doutoranda em enfermagem pela Universidade de São Paulo (EERP-USP), Brasil - Programa Interunidades. Email: amanda.fr.alves@usp.br

II - Psicólogo, Mestre, doutor e docente na Universidade de São Paulo (EERP-USP), Brasil- Programa Interunidades. Email: fabio.scorsolini@usp.br

Data de submissão: 04/10/2023

Primeira decisão editorial: 03/12/2024

Aceite para publicação: 04/07/2024